

letreiro: MAS QUE NADA, JORGE BEN JOR, 1963

NM/OFF: No início, a crítica careta considerou a sua música primitiva e infantil, mas a resistência saiu da frente para um jovem talento passar com “Mas que nada”. Apresentado como um misto de maracatu, esse samba de preto velho era na verdade o nascimento do samba-rock, e promoveu uma revolução pacífica e festiva na música brasileira. Antes de ser rebatizado Jorge Benjor, era apenas Jorge Ben que tocava seu violão vigoroso e percussivo, com sotaque afro. Não dedilhado, como na bossa nova, mas tocado com palheta, na pegada dos roqueiros e bluesmen. Numa época em que a bossa nova já dava sinais de esgotamento no Brasil, o som de Benjor era uma volta às raízes que apontava para o futuro.

Canção principal do compacto lançado em 1963, que tinha o sucesso “Por causa de você, menina” no lado B, “Mas que nada” foi escolhida também como faixa de abertura do álbum de estreia do cantor: Samba esquema novo, produzido por Armando Pittiglianni e acompanhado pelo grupo de samba-jazz Os Copa 5, do saxofonista e arranjador J.T. Meirelles. Clássico absoluto da MBP, o álbum inclui sucessos como “Chove chuva”, “Rosa, menina rosa”, “Vem, morena, vem” e “Balança pema”, mas a música que melhor sintetizou o esquema novo de Bem Jor foi “Mas que nada”.

Com apelo irresistível de sua levada e de sua letra rítmica e sonora, e a partir da espetacular versão de Sergio Mendes & Brasil 66, “Mas que nada” começou a rodar o mundo, se convertendo num big hit nos Estados Unidos e numa das músicas brasileiras mais gravadas do mundo. Da diva do jazz Ella Fitzgerald ao grupo de hip-hop Black Eyed Peas, em 2006.

De remota origem etíope, o tijucano Jorge Ben Jor cresceu ouvindo o samba e o rock and roll que seriam amalgamados num estilo único. No início da carreira, tanto se apresentava no Beco das Garrafas, reduto da bossa-nova e do samba-canção em Copacabana, quanto em bailes de rock no subúrbio do Rio. Criticado pela MBP, teria lugar cativo no palco da Jovem Guarda, ao lado de Roberto Carlos, Erasmo e Wanderléa. Também seria abraçado pelo tropicalismo, que viu no samba-rock de Benjor uma perfeita síntese musical das propostas do movimento.

NELSON (V) Depois de anos de ostracismo e alcoolismo, um gênio do samba renasce para a vida e a arte, e alegra o país cantando a esperança de um novo dia e sua fé no futuro.

#### O SOL NASCERÁ, CARTOLA E ELTON MEDEIROS, 1964

A melhor crônica do lirismo carioca é que se acha na rua. Depois de um começo vitorioso entre os bambas do samba da Mangueira, seguido por anos de ostracismo e alcoolismo, Cartola foi reencontrado pelo cronista Sérgio Porto lavando carros em Copacabana. Avançado nos cinquenta anos, o compositor ainda esperava pela aurora de sua vida musical, que chegaria com a gravação de Nara Leão. Sucesso espetacular, no álbum de estreia de Nara, Elenco, de 1964, “O Sol nascerá” marca o começo da fase mais produtiva e bem-sucedida da carreira do poeta de Mangueira.

Mesmo quando esteve esquecido, Cartola não parou de compor. “O Sol nascerá” nasceu dois anos antes do seu lançamento, numa noite na casa de Cartola, quando o jovem Elton Medeiros aceitou o desafio de seu mestre para criar uma música na hora. Em pouco tempo, os dois fizeram esse samba arrebatador, dividindo letra e música, sofrimento e redenção. Com sua mensagem de esperança, o samba apostava na alegria e no novo dia como um elixir musical para todas as horas. Mas, quando foi lançado, logo após o golpe militar de 64, a letra também foi ouvida como metáfora política contra a ditadura. O sol da liberdade contra a tempestade.

Sobe o som, finda a tempestade, o sol nascerá

O coração de Cartola sempre foi verde e rosa. Além de fundador da Mangueira, foi ele quem escolheu as cores da sua bandeira. Amigo e parceiro de Noel Rosa nos anos 1930, teve músicas gravadas pelos melhores intérpretes da época, como Sílvio Caldas, Francisco Alves, Mário Reis e Carmem Miranda. Nos anos 1940, esteve na seleção de compositores populares que Heitor Villa Lobos apresentou ao maestro inglês Leopold Stokowski. Reunidos num estúdio, montado num navio, na Praça Mauá, fizeram uma série de gravações, depois lançadas nos Estados Unidos.

Pouco depois, devastado por uma desilusão amorosa, Cartola sumiu dos bares e dos estúdios, mergulhando na bebida e no abandono. Resgatado do alcoolismo, pelo amor de Dona Zica, e do ostracismo musical, pela gravação de Nara, apenas aos 66 anos, Cartola gravou a sua versão magistral de O Sol Nascerá, em seu primeiro álbum solo, de 1974. Com a voz já curtida pelo álcool, tabaco e afins, expunha, dramaticamente a

ação do tempo, e, ao mesmo tempo, a experiência de quem pretende levar a vida sorrindo.

NM/ON: O outono de Vinicius de Moraes e o verão de Carlos Lyra se encontram em uma canção de amor tão bela quanto triste, que toca o coração dos brasileiros sempre que é cantada.

letrero: PRIMAVERA, CARLOS LYRA E VINÍCIUS DE MORAES, 1964

NM/OFF: No início dos anos 1960, Vinicius de Moraes trabalhava com Tom Jobim, Baden Powell e muitos outros jovens compositores, como Edu Lobo e Francis Hime. Em outra frente, Carlos Lyra vinha de uma bem-sucedida parceria com Ronaldo Bôscoli e ainda, com Nelson Lins e Barros e Geraldo Vandré. Mas, quando Vinicius pensou numa peça musical sobre o romance entre um mendigo elegante e uma garota rica e infeliz, o escolhido foi Carlos Lyra. Juntos, escreveram as 11 canções de “Pobre menina rica”, entre elas, alguns clássicos da música brasileira.

Com sua melodia triste e pungente e os versos doloridos de saudade e abandono, “Primavera” canta o amor impossível. Na época, o musical não chegou a ser montado no teatro, mas virou disco, lançado em 1964. O repertório já era conhecido e aplaudido desde o ano anterior, quando Lyra e Nara Leão, com Vinicius como narrador, apresentaram as músicas em formato de recital, na boate Au Bom Gourmet.

No disco, a primeira opção de Vinicius e Lyra para a protagonista era a novata Elis Regina, mas a cantora carioca Dulce Nunes acabou sendo escolhida por Tom Jobim, então diretor musical e arranjador, que seria substituído por seu mestre, Radamés Gnattali. Além de “Primavera”, o disco tinha clássicos, como “Sabe você” e “Maria moita”.

Se as 11 canções foram reconhecidas rapidamente, a peça pegou o caminho mais longo para chegar aos palcos. Com tradução para o espanhol de Gabriel Garcia Márquez, o musical estreou na Cidade do México, onde, onde Lyra estava vivendo. No Brasil, a primeira montagem na íntegra aconteceu em 1991, sob a direção de Aderbal Freire Filho. Adaptado para o cinema em 1983 por Miguel Faria Jr, com o nome de “Para viver um grande amor”, o musical tinha a estreada Patrícia Pillar vivendo um insólito par romântico com Djavan, mas fracassou nos cinemas. Restaram as grandes canções. Em 1998, Tim Maia gravou uma emocionante versão de “Primavera”, com uma bossa-nova temperada com soul.

NM/ON: O samba de São Paulo tem a levada de uma composição ferroviária que liga a cultura urbana à música do interior. Com forte influência da imigração italiana, Adoniram Barbosa formata o samba-paulistano.

letrero: TREM DAS ONZE, ADONIRAM BARBOSA, 1964

NM/OFF: Ficou célebre o palpite infeliz de Vinícius de Moraes de que São Paulo é o túmulo do samba. Nada diplomático, apesar da carreira no Itamaraty, o poeta estava irritado com um bando de bêbados barulhentos que ignorava as sutilezas do samba de Johnny Alf numa boate paulistana. A frase, que provocou o bairrismo, foi dita por Vinícius para consolar o pianista que havia se mudado do Rio para São Paulo.

Vinícius sabia que o samba paulista já era uma realidade. Vadico foi parceiro de Noel Rosa em vários clássicos. Paulo Vanzolini já tinha composto “Ronda” e “Volta por cima”, Denis Brean era autor de “Bahia com h” e “Boogie-woogie na favela”. Havia ainda Germano Mathias e o mais original dos sambistas de São Paulo. Desde os anos 30, Adoniram Barbosa desenvolvia sua mistura de samba com música do interior e o linguajar da colônia italiana que tinha no Brás o seu quartel general.

O próprio Vinícius já era parceiro de Adoniran no samba-canção existencialista “Bom dia, tristeza”, lançado em 1957, por Aracy de Almeida. Cantor, compositor, comediante, o múltiplo Adoniram teve nos Demônios da Garoa as vozes dos seus maiores sucessos desde 1951, como “Malvina”, “Saudosa maloca”, “O samba do Arnesto” e a locomotiva de suas composições. Com a viagem do “Trem das 11”, Adoniram comprou o sítio em que viveu até o fim da vida, em 1982.

Composto em 1961, o samba esperou três anos para ser lançado em disco dos Demônios da Garoa, mas logo explodiu nas rádios do Brasil, encantando o público com a autenticidade de sua linguagem ítalo paulistana, cheia de bom humor e de erros intencionais. Depois da gravação triunfal de Gal Costa em 1973, graças a seu verso “minha mãe não dorme enquanto eu não chegar”, o Trem das Onze foi apelidado de “Samba do Édipo”, pela devoção e obediência que o filho único mostra pela mãe. Só Adoniram explica.

NM/ON: Por trás da máscara de carnaval, uma história de amor fugaz se eterniza em uma canção refinada e elegante de uma grande dupla de sambistas.

letrero: MASCARADA, ZÉ KÉTI E ELTON MEDEIROS, 1965

NM/OFF: Isso não é samba nem bossa nova, alertou Éltton Medeiros, ao entregar a melodia da nova canção para um dos seus maiores parceiros.

Na verdade, era uma fusão do melhor dos dois gêneros. Sem se intimidar com o desafio daquele samba estranho, Zé Kéti escreveu a letra inspirada na própria experiência. Durante o carnaval, participando do desfile do Bloco das Piranhas, tinha se encantado por uma moça que se escondia atrás de uma máscara. Apesar dos flertes e dos amassos, foi só no terceiro dia da folia que o sambista conseguiu conhecer o rosto da misteriosa musa.

Em entrevista ao programa Sarau, de Chico Pinheiro, Elton revelou todos segredos escondidos pela Mascarada, lembrando que Zé Kéti chegou a apresentá-lo à musa, mas o namoro nunca passou de um efêmero romance de carnaval. Arrebatadora e definitiva foi a música.

Gravada pela primeira vez na voz de Éltton Medeiros, “A Mascarada” fazia parte do álbum “Roda de Samba”, lançado em 1965 pelo conjunto A Voz do morro. Idealizado e liderado por Zé Kéti, esse supergrupo começou a nascer durante o musical “Rosa de Ouro”, que tinha elenco de bambas, como Éltton Medeiros, Paulinho da Viola, Anescarzinho e Oscar Bigode.

No ano seguinte, no álbum “Samba na madrugada”, que lançou em parceria com Paulinho da Viola, Éltton regravou “A mascarada”, que se tornaria um clássico na voz de intérpretes de diversas gerações e estilos. De Jair Rodrigues a Joyce, de Zé Renato a Beth Carvalho, esse samba melódico e refinado ganhou uma versão antológica na voz de Emílio Santiago, chegando ao século XXI com o sucesso da gravação de Zeca Pagodinho. Nunca uma paixão de carnaval foi tão duradoura.

NM/ON: A dor de uma desilusão amorosa maltrata um jovem coração e inspira uma balada de abandono que atravessaria gerações com a tristeza e beleza de sua melodia em sintonia com seus versos emocionados.

letrero: PRECISO APRENDER A SER SÓ, MARCOS VALLE E PAULO SÉRGIO VALLE, 1965

NM/OFF: Como muitos garotos de sua geração, o carioca Marcos Valle foi contaminado pelo vírus benigno e inspirador da Bossa Nova. Já fluente no acordeon e no piano, impactado pelo surgimento da batida de João Gilberto, se tornou um craque do violão, e formou um trio com os amigos Edu Lobo e Dori Caymmi. Logo, começou a fazer suas primeiras composições, com letras do irmão Paulo Sérgio. Era o começo de um caminho sem volta, que fez Marcos trocar o curso de Direito na PUC pela música popular. Paulo Sérgio ainda se formou advogado, mas só botaria banca como um dos maiores letristas do Brasil, ao lado do irmão e de outros parceiros.

Feita por Marcos aos 21 anos, a melodia romântica e dolorosa de “Preciso aprender a ser só”, nasceu clássica e é um exemplo da excelência e da maturidade artística atingidas precocemente pelos irmãos. A música foi apresentada pela primeira vez em maio de 1964 por Elis Regina num show para universitários em São Paulo, com participação de Marcos e recepção apoteótica. Em abril do ano seguinte, faria parte do álbum “Dois na bossa”, de Elis e Jair Rodrigues, e um ano depois ganharia versão jazzística no LP, “Eu canto assim”, de Elis

A versão de Marcos também saiu em 1965, em seu segundo álbum solo “O cantor e o compositor”. Logo depois, o clássico foi gravada por Os Cariocas, Dóris Monteiro, Alaíde Costa e Pery Ribeiro. Quase uma década depois, também ganhou uma homenagem transversa de Gilberto Gil, numa a belíssima balada que fez contraponto à canção dos irmãos Valle sob uma ótica zen. Mudando apenas a ordem das palavras no título, Gil deu à solidão um sentido existencial na sua “Preciso aprender a só ser”

Sobe o som trecho da música de Gil

Vertida para o inglês por Ray Gilbert como “If you went away”, também fez carreira no mundo do pop e do jazz. Em 1966, Astrud Gilberto gravou a música no álbum “Look to the Rainbow”, mas usou como título uma tradução quase literal do original: “Learn to live alone”. No mesmo ano, novamente como “If you went away”, foi gravada por Sylvia Telles no álbum “The Face I Love You”. Mas, sua entrada definitiva no clube dos clássicos do jazz veio com a interpretação apaixonada de Sarah Vaughan, no álbum, “I love Brazil”, de 1977.

NM/ON: Com o coração quente, o jovem compositor e surfista nem parou nem dormiu depois de ver a musa passar pelas areias de Ipanema. E se tornou um mega sucesso internacional.

letrero: SAMBA DE VERÃO, MARCOS VALLE E PAULO SÉRGIO VALLE, 1965

NM/OFF: Além do talento, Marcos Valle ganhou um presente do destino: morando em frente à casa de Tom Jobim no Leblon, pôde beber fartamente dos ensinamentos do mestre. Em vez de mandar o vizinho abaixar o som, o maestro pedia para ouvir mais. Reconhecido por Tom como um grande talento criador, o jovem discípulo se tornaria o mais jobiniano dos compositores da segunda geração da bossa nova. As afinidades e a continuidade atravessam o antológico “Samba de verão” em que uma frase musical simples se desenvolve em sequências harmônicas tipicamente bossa-novistas, projetando imagens e

sensações ensolaradas do verão carioca, com meninas de biquíni, que dialogam com a Garota de Ipanema do mestre Jobim.

Com um balanço leve, envolvente, solar e caloroso, a canção descreve os encantos de uma musa que passeia pela praia com um mar no olhar. É uma típica cantada carioca, em clima de bossa nova.

Sobe som

Na época, a bossa nova já andava desgastada no Brasil, mas a qualidade da construção de “Samba de verão”, provou que o estilo ainda trazia frescor e muitas surpresas, como o sucesso estrondoso nos Estados Unidos. Primeiro e surpreendentemente, com uma versão instrumental do organista Walter Wanderley, que chegou aos primeiros lugares da hit parade da Billboard.

Marcos gravou a canção em seu segundo álbum solo, “O compositor e o cantor”, de 1965, com arranjos de Eumir Deodato, que já tinha lançado uma versão instrumental da música, meses antes, com o seu grupo “Os Catedráticos”. Sucesso nas rádios, “Samba de Verão” foi regravado por vários intérpretes. Com letra em inglês de Normam Gimble e sob os títulos de “Summer samba” ou “So nice”, se tornaria uma das músicas brasileiras mais regravadas no mundo, perdendo apenas para “A Garota de Ipanema”, segundo levantamento da sociedade autoral americana BMI. No século vinte e um, voltou a fazer grande sucesso, em inglês, com Bebel Gilberto e Stacey Kent, e em bom português, com Caetano Veloso.

NM/ON: Na segunda metade dos anos 1960, Tom Jobim e a bossa nova migraram para os Estados Unidos. No Brasil, Vinícius de Moraes encontrou um novo parceiro para renovar a música brasileira com o casamento do samba carioca e do candomblé baiano.

leiteiro: CANTO DE OSSANHA, BADEN POWELL E VINÍCIUS DE MORAES

NM/OFF: Vinícius, que se dizia o preto mais branco do Brasil, e o mulato carioca Baden Powell, que era o maior violonista do momento, viveram três meses num belíssimo apartamento da mulher Vinicius no Parque Guinle. Incontáveis litros de uísque depois, saíram com os primeiros 25 afro-sambas, entre eles o clássico “Canto de Ossanha”.

O afro-samba era um estilo oposto à bossa nova branca, leve e carioca. Inspirado pelos ritmos e cantos do candomblé e apoiado pela excelência e originalidade do violão de Baden, mais uma vez, Vinícius iniciava uma revolução, mudando os rumos da música brasileira. Os primeiros afro-

sambas, “Berimbau” e “Consolação”, caíram como bombas ritmadas e percussivas sobre o intimismo da bossa nova. O fraseado musical ecoava cantos ancestrais, cheios de dramaticidade e tensões, que explodiam em refrões abertos e festivos, cantados em coro em grandes rodas de samba, misticismo e mestiçagem.

Tudo começou em 1962, quando Vinícius foi presenteado pelo poeta Carlos Coqueijo com discos de candomblé da Bahia. O entusiasmo do poeta foi correspondido por Baden tinha acabado de voltar de uma viagem a Salvador, onde se encantara com os ritmos e cantos de terreiro. Pergunte ao seu orixá, nenhum encontro é por acaso.

Sobe som

Passada a internação espiritual e etílica no terreiro de luxo do Parque Guinle, Baden e Vinícius continuaram compondo até 1966, quando gravaram o disco histórico, Os Afro-sambas, com oito canções do gênero, arranjos do maestro Guerra Peixe e vocais do Quarteto em Cy. E até hoje, e para sempre, é um dos melhores e mais influentes discos da história da música brasileira.

## ENCERRAMENTO

NM/ON: Na verdade, não existem as melhores canções, as mais bonitas ou as mais importantes, essas 101 que tocaram o coração do Brasil representam a qualidade e a diversidade de gênios e de gêneros na música brasileira, que fizeram delas a trilha sonora de nossa história. No próximo episódio, da placidez da bossa-nova à pulsação do afro-samba, o ritmo fervente do caldeirão musical refletia o estado de espírito de um país em ebulição. Naqueles anos sombrios, entre 1967 e 1970, a música brasileira vivia uma de suas fases mais luminosas e criativas. Com a ditadura pressionando, o jogo era pesado, mas o nosso time jogava por música.